

Lições do skate à cidade

Ricardo Kalil Cadaval

Orientação: Prof. Ms. Victor Cesar (Escola da Cidade)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2022-23.

Este ensaio integra a pesquisa "Prática Urbana" e explora o skate como ação interventiva no espaço urbano, centrando-se na perspectiva arquitetônica e urbanística de São Paulo. Como skatista e arquiteto, analiso as normativas de ocupação da cidade, destacando a reciprocidade entre o skate e o espaço urbano, lendo este objeto como potência para imaginar outras formas de ocupação. Inspirado por Herman Hertzberger, que em seu livro "Lições

de arquitetura" aborda criticamente a concepção funcional dos espaços urbanos, busco questionar a fluidez da cidade propondo uma visão mais lúdica da vida urbana por meio de intervenções que destacam a relevância do skate urbano. Com isso, busca-se aproximar a discussão tanto do público leigo quanto da academia de arquitetura e urbanismo, sugerindo que a prática do skate possa ser um tema relevante para discutir a própria cidade e suas ocupações.

Skate lessons to the city

This essay comprises the research "Urban Practice" and explores skateboarding as an interventionist action in urban spaces, focusing on the architectural and urbanistic perspective in São Paulo. As a skateboarder and architect, I analyze normative ways of occupying the city, highlighting the reciprocity between skateboarding and urban space, taking this object as a potential tool for imagining alternative forms of occupation. Inspired by Herman Hertzberger, who critically addresses the functional design of urban spaces in his book "Lessons for Students of Architecture", I aim to question the fluidity of the city by proposing a more playful approach to urban life through interventions that emphasize the importance of urban skateboarding. In doing so, I seek to bring this discussion closer to both the general public and the academic field of architecture and urbanism, suggesting that skateboarding can be a relevant theme for discussing the city itself and its occupation.

Lecciones de skate para la ciudad

Este ensayo, hace parte de la investigación "Práctica Urbana" y explora el skate como una acción interventiva en los espacios urbanos, centrado en la perspectiva arquitectónica y urbanística de São Paulo. Como skater y arquitecto, analizo las normativas de ocupación de la ciudad, destacando la reciprocidad entre el skate y el espacio urbano, viendo este objeto como una potencia para imaginar otras formas de ocupación. Inspirado por Herman Hertzberger, quien en su libro "Lecciones de Arquitectura" aborda críticamente la concepción funcional de los espacios urbanos, busco cuestionar la fluidez de la ciudad, proponiendo una visión más lúdica de la vida urbana a través de intervenciones que destacan la relevancia del skate urbano. Con esto, se busca acercar la discusión tanto al público general como a la academia de arquitectura y urbanismo, sugiriendo que la práctica del skate pueda ser un tema relevante para discutir la propia ciudad y sus ocupaciones.

Este ensaio integra uma pesquisa mais ampla intitulada "Prática Urbana", na qual se investiga o skate como ação interventiva no espaço urbano. Neste trabalho, buscamos compreender, sob a ótica da arquitetura e do urbanismo com foco em São Paulo, as formas normativas de ocupação da cidade – pedestres nas calçadas, carros no asfalto, bancos destinados apenas ao sentar, entre outros. Com a proposta de analisar esses comportamentos, trazemos a perspectiva de skatista para discutir as diversas maneiras de apropriação dos mesmos espaços, reconhecendo, desde já, a reciprocidade inerente entre o skate e o chão. Ao levantar essas questões, nos arriscamos a perguntar: nos dias de hoje, o que seria do skate sem a cidade? E o que seria da cidade sem o skate?

Inerente a estas perguntas, podemos pensar que, ao definir o skate como uma prática ativa do desfrutar a cidade, o entendemos como performance urbana: que se desenvolve no deslocamento sem destino e sem motivo; que movimenta o corpo; que ocupa as ruas e calçadas; que reinventa os espaços e as possibilidades de encontro. Sendo o skate mais que um objeto, uma potência para imaginar formas extraordinárias de ocupação da cidade, podemos usá-lo como ferramenta, permitindo-nos então efetivar outras maneiras de produzir novas ativações do espaço urbano.

Em seu livro "Lições de arquitetura", Herman Hertzberger explora as várias possibilidades de ação e ocupação ofertada pelos espaços cotidianos. Ao interpretar essa diversidade, torna-se possível evidenciar o skate como um artefato que nos permite vivenciar o espaço construído da cidade de diversas maneiras. Isso ocorre tanto nas andanças dos skatistas em busca de espaços propícios para a prática, quanto nos embates – físicos e verbais – com aqueles que tentam, por diferentes motivos, restringir nossos movimentos. Com isso, busca-se destacar esta proposta de leitura da cidade como uma possibilidade de escape, que ao fugir dos modos tradicionais de comportamento do espaço público, pode fomentar uma vida urbana que se ativa por um uso mais lúdico e errático.

Procurando entender como esta prática se deu e começou a partir do espaço

urbano, a primeira discussão que se coloca é a de perceber as produções sociais e urbanas como ações do Estado ou da iniciativa privada pré-estabelecidas no espaço da cidade. Os elementos urbanos são criados a partir de lógicas funcionais reguladoras, que delimitam seus usos e motivos para consolidá-los como objetos da cidade que dão suporte à vida e ocupação no espaço público. Esta maneira de se projetar acaba por reger uma forma de conduta e controle no espaço público urbano, sujeitando indivíduos a seguir seu desenho e lógicas pré-estabelecidas de operar e organizar a dinâmica da cidade.

Estamos tão acostumados a certos modos básicos de ocupação que nem os questionamos mais, de tão óbvios são ignorados: a rua feita de asfalto que delimita o uso do automóvel; a calçada de concreto ou pedra portuguesa feita para os pedestres irem de um lugar para o outro; os bancos que foram feitos para se sentar e não se deitar, e assim por diante. Com isso, por que não podemos transitar na urbe de maneira mais fluída e menos pragmática?

Nós podemos imaginar espaços os mais diferentes para as áreas públicas das cidades, mas essa utopia só tem sentido se considerada experimentalmente. Suas implicações e consequências devem ser estudadas na prática (Balbo, 2003, p.379). É importante que o significado da cidade possa nascer do seu uso, no curso da vida cotidiana, envolvendo nos processos decisórios as pessoas diretamente implicadas em cada diferente situação. (Kunsch, 2008, p.23)

Assim, é interessante darmos um passo adiante, ao discutirmos situações que geram relações e imaginários distintos sobre concepções de usos previamente traçados. Neste lugar, a prática do skate aparece como um elemento que fricciona reações e dinâmicas formais em relação aos espaços e seus usos, o que evidencia diferentes maneiras de ocupação para além das convencionais. Para tanto, surgem duas fotografias que, se comparadas, produzem imagetivamente a reflexão que iniciamos aqui.

Não é preciso muito para que as coisas sirvam como uma espécie de estrutura à qual a vida cotidiana pode ligar-se. O



simples corrimão em que pessoas idosas podem se apoiar quando sobem ou descem uma rua íngreme é, para todas as crianças da vizinhança, um desafio para mostrar sua agilidade. Serve como um brinquedo de playground e no verão é sempre usado para construir cabanas e esconderijos. Na Holanda, além disso, as donas de casa usam o corrimão para tirar a poeira dos tapetes. Um corrimão de ferro está literalmente "à mão" para uma ampla gama de usos, para todo o tipo de situação diária, comum, e transforma a rua num playground. Os playgrounds projetados, orientados para um propósito, que se espalham por toda a cidade são, por enquanto, indispensáveis como refúgio para as crianças. Mas, como as próteses, são também um lembrete doloroso de como a cidade, que devia em si mesma ser um playground para seus cidadãos e suas crianças, foi drasticamente mutilada neste sentido. (Hertzberger, 1991, p.178)

As figuras evidenciam diferentes formas de ocupação em espaços que têm seus usos já planejados. A primeira fotografia é de Herman Hertzberger para seu livro "Lições de arquitetura", publicado em 1991. No enquadramento, duas mulheres almoçam em uma mesa sobre o asfalto no pequeno espaço que sobra entre dois carros estacionados. A leitura que se propõe é de como situações singelas e efêmeras podem potencializar novas maneiras de se ocupar os espaços da cidade.

Especificamente sobre o skate, a segunda imagem, autoral, foi fotografada em um "estacionamento" de carrinhos de supermercado em São Paulo, no começo de 2020. O skatista Keone Schauffert, de passagem, pula o corrimão (que nesse caso, é usado para conter os carrinhos de supermercado), de maneira que seu corpo vai por cima e o skate passa por baixo, mas ao finalizar, o corpo do skatista encontra novamente o skate sobre o chão. Refletindo como esse singelo movimento quebra barreiras, um elemento que é colocado como uma espécie de divisor de ambientes torna-se quebra potencialmente a ideia de seu uso original.

Para nós skatistas, que interpretamos os fenômenos sob a ótica de quem

anda de skate na cidade de São Paulo, principalmente em seu centro, acabamos criando uma relação com o espaço da rua um pouco diferente. A prática do skate, pode ser dividida em dois tipos de destinos: o destino físico, com um endereço fixo; e o destino subjetivo, que acaba se realizando enquanto trajeto/percurso. O que se chama aqui de destino fixo é o andar de skate em locais específicos na cidade, pois dentro do ponto de vista de quem pratica no centro de São Paulo, estes destinos podem ser as próprias calçadas do Theatro Municipal (andar em uma calçada pode ser para nós motivo de ter cruzado a cidade), o Vale do Anhangabaú, o chão liso do Pátio do Colégio, a Praça Franklin Roosevelt e muitos outros "picos" localizados no centro de São Paulo. O que se chama aqui de destinos subjetivos, são as práticas que usamos para sair a procura de picos pela cidade, quando um certo grupo de skatistas se une para procurar novos bancos, escadas e calçadas propícios para o usufruto do skate. Esta prática é muito interessante, pois compreende o esforço em sair sem um destino planejado, isto é, fortalecendo uma ideia de trajeto como destino. Sair pela cidade "sem motivo" pode ser tomado como um aspecto marcante do que é a prática do skate urbano: olhar para esse espaço com um novo imaginário, quase um olhar utópico para o que já foi construído para um uso anteriormente estabelecido.

A prática do skate busca experimentações no espaço da cidade e é o suporte da rua que possibilita sua prática. Daí surge a necessidade de levar as discussões do skate para uma reflexão sobre a cidade. O skate, como ativação, nos faz aprender a olhar e se apropriar das ruas e calçadas por outra lógica: fora do normativo, lúdico, abdicando da necessidade de sentido prático e funcional.

Deste modo, questionamos quais seriam os conceitos específicos de uma reflexão sobre a cidade que podem conectar à tal prática urbana. O que se mostra como intenção genuína da investigação é entender como a prática do skate se dá no espaço urbano atualmente, de que maneira performa na cidade e quais são esses mobiliários e espaços que usamos para essa prática.

Para isso destacamos a busca por formas de potencializar essa prática



na cidade, de maneira profícua; que enriqueça a cidade com diferentes subjetividades, que lidam com a ocupação de seu espaço para gerar outros imaginários.

O motivo de levantar este debate tem como fim traçar as relações que envolvem a prática do skate com o espaço urbano, evidenciando como essa prática depende da cidade como espaço para desenvolver suas performances, ao passo que a cidade também necessita de um desvelo às ocupações primordialmente subjetivas. É apoiando-se nela, de forma não convencional para com a sua urbanidade, que se ensaia criar novos imaginários e espaços de uso coletivo e recíproco.

Com isso, buscamos aproximar a discussão sobre a prática do skate a duas esferas de público: primeiro, aqueles que não têm acesso ao vocabulário e ao ambiente de debate urbano, que frequentemente utiliza uma linguagem específica do meio acadêmico; e, em seguida, o grupo de pessoas que promove discussões dentro do campo acadêmico da arquitetura e do urbanismo, no qual o debate se desenvolve nas dimensões política e social.

Assim, é possível abordar o tema a partir de diferentes perspectivas que orientam a análise proposta neste estudo. O skate pode ser entendido tanto como uma prática esportiva quanto como uma manifestação cultural urbana. No entanto, não parece adequado classificá-lo de forma generalizada sob um único rótulo.. Pesquisadores como o skatista e professor Leonardo Brandão falam sobre tal diferenciação e sintetizam o significado de cada vertente. Em uma apresentação, em 2020, no Centro de Pesquisa e Formação Sesc São Paulo, ele afirmou:

O skate não surgiu como esporte, ele passou por um processo de esportivização, esse termo, processo de esportivização, é um termo de um sociólogo, chamado Norbert Elias, ele diz que algumas práticas corporais se tornam esportes, passam por um processo de esportivização, o skate passou por esse processo, não todo o skate, mas uma parte dele passou e uma parte dele é sim esporte.¹ (Comunicação oral)

Isto nos indica que o skate enquanto prática urbana, ou o *street skate*, é uma modalidade praticada nas ruas, no espaço urbano construído como um todo. Esta prática é feita em espaços que não foram projetados para o seu respectivo uso e, neste ponto de tensão, começam suas potências e seus conflitos, que nascem no próprio alicerce da prática.

Se voltarmos à história do skate, ela é bastante singular. De origem norte-americana, chegou ao Brasil no final da década de 1960. Nesta época, por conta de sua semelhança com o surfe, foi conhecido como “surf de asfalto” ou “surfinho”. Na segunda metade da década de 1970, o skate começou a ser organizado como um esporte genuíno, de competição, com equipes, pistas de skate e patrocinadores. Esse caminho esportivo do skate se concretizou e nos anos 1980 pôde contar com grandes eventos, campeonatos e investidores externos. Sob outra perspectiva, o skate também se desenvolveu no espaço urbano, inventando uma nova maneira de ocupar a cidade e sua arquitetura, se apoiando em escadas e mobiliários urbanos como “obstáculos” para a execução das mais variadas manobras. Surgia, assim, o chamado “skate de rua” (*street skate*), ou o skate urbano, o qual chegou a ser proibido na cidade de São Paulo por Jânio Quadros em 1988. Essa dualidade do skate desenhava sua história. Se por um lado houve imposição de um novo esporte, por outro não se pode deixar de notar a existência de novas práticas corporais, contravenções e experiências estéticas que constituíram o skate, também, para além do esporte (Brandão, 2014).

O skate enquanto prática urbana acontece em espaços que não foram projetados para o seu uso. E é neste ponto que aparece o embate do skate com ideais funcionais da arquitetura, a qual desenha espaços com formas regidas por uma funcionalidade tão possível de se repensar nos tempos de hoje. O conflito entre um espaço funcional destinado a um uso previsto e a ocupação do skate – que reinterpreta a maneira de ocupação dos espaços –, cria um atrito e levanta o debate acerca



da criação e uso de novos espaços. Como pensar, através do skate, espaços com usos indeterminados e múltiplos para a cidade, potencializando diversas ocupações distintas dentro de um mesmo lugar?

No que chamamos de modernidade,² a população foi submetida a diversas formas de controle e conduta na vida social, no espaço público e nas cidades, por um processo de normatização das pessoas, do cerceamento dos corpos e do espaço público.

[...] A arquitetura, desde final do século XVIII, passou a responder aos problemas da população, da saúde, do urbanismo, preocupando-se com a organização do espaço para fins econômico-políticos [...]. A partir disso, a "arquitetura da vigilância" nasce com o projeto da "cidade panóptica", em oposição à "arquitetura do espetáculo", valorizada pelos antigos (1977:190). [...] Na Modernidade, o problema se inverte radicalmente: passa a ser a vigilância de muitos dado como espetáculo para a vigilância de um, o que coloca a necessidade de outra distribuição dos indivíduos no espaço. Outro tipo de sociedade, outras formas arquitetônicas. (Rago, 2015, p.22)

Estas ações foram implantadas na vida cotidiana de forma sutil, no que conhecemos como regras, normas ou leis. De fato, para uma vida em sociedade, as regras existem como forma de normalizar as condutas, mas isso implica um limiar que fricciona o controle e o ordenamento do convívio em sociedade. Em um primeiro momento, os princípios criados para este modo alternativo de experienciar a cidade, como "a forma segue a função", faziam sentido enquanto processos de transformação que implicavam na introdução de elementos industriais, gerando ações mais pragmáticas e objetivas de planejamento urbano, econômico e social. Mas, ao ultrapassar este estágio necessário de mudança, as sobras de tal sistematização deixaram lacunas fundamentais no que tange a subjetividade humana dentro de um pensamento que, hierarquicamente, posicionou o corpo individual em um lugar muito abaixo das prioridades de

renovações, situando, como resultado, a cidade tal qual um lugar de encontro, invenção e conflito.

O que se propõe, a partir disso, é pensar a abertura do skate como agente que circula sobre a cidade, quebrando estas "regras" que foram estabelecidas de maneira impositiva. Por isso, acredita-se que a falta de controle do skate na cidade confunde esta prática com o ato de "vandalismo". Das brechas que sobram no espaço construído, o objeto skate está ativamente se posicionando no que o incita enquanto estranho e outro – se a forma segue a função, em última análise pode também instigar novas funções. A "falta de controle" do skate é a possibilidade de invenção de novos imaginários que essa prática urbana proporciona, pois ao passo que existem normas na cidade, é importante se ter outras relações com o espaço urbano. Isto é, precisa-se contornar a apropriação da cidade enquanto lugar de passagem, tornando-a o lugar do estar e da invenção.

Sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos. Essa ordem compõe-se de movimento e mudança, e, embora se trate de vida, não de arte, podemos chamá-la, na fantasia, de forma artística da cidade e compará-la à dança – não a uma dança mecânica, com os figurantes erguendo a perna ao mesmo tempo, rodopiando em sincronia, curvando-se juntos, mas a um balé complexo, em que cada indivíduo e os grupos têm todos papéis distintos, que por milagre se reforçam mutuamente e compõem um todo ordenado. O balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar, e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações. (Jacobs, 1961, p.43)

O skate enquanto prática urbana, ainda que seja uma ação bastante diferente, se implica na cidade como parte de suas performances, é praticado em espaços



para os quais não foi projetado, e é uma prática muitas vezes proibida. Não existem regras específicas, talvez apenas maneiras de conduta entre os próprios skatistas.

Portanto, a intenção principal que se abre é a de materializar estes conflitos e debates em intervenções, demonstrando a relevância e competência do skate urbano. Ou seja, criar estas ações coloca-se como gesto para evidenciar esta prática urbana contemporânea como exercício e performance. Que conflui e incorpora novas e relevantes formas de ocupar a cidade, retomando um movimento de elogio ao espaço público e a qualidade de interação urbana através do ato de flunar, suscitando, no próprio percurso ativo, maneiras de encontro e interações sem o pragmatismo de um destino objetivo previamente traçado. Unir tais leituras apresenta-se como hipótese para inserir no pensamento urbano a prática ativa do skate, como proposta de conceituação para discutir a cidade e quem a ocupa.



NOTAS

1. Apesar de não ser o foco da pesquisa, julga-se importante entender essas dinâmicas esportivas dentro do skate, para entender como o skate como prática urbana se diferenciou da sua forma esportiva. O skate esportivo é mais conhecido do público geral como um esporte radical, o qual tem se popularizado na televisão e que é agora um esporte olímpico. Essa modalidade é praticada dentro de espaços planejados e planejados para esse fim, é o que conhecemos como pista de skate. Existem diversos tipos e modalidades de pistas de skate, mas é onde a ideia do esporte entra no universo do skate, pois na pista ocorrem os treinamentos e lá acontecem os eventos e campeonatos. Esses eventos, na maioria das vezes, contam com ganhadores, perdedores e plateia presente, como qualquer evento esportivo.

2. "Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como 'modernidade'. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. [...] Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, 'tudo o que é sólido desmancha no ar'". (Berman, 1982, p.15)

CRÉDITOS IMAGENS

FIG.1: Skatista Murilo Romão realizando manobra em guarda-corpo da Av. Paulista. Foto de André Calvão. Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIG.2: Duas mulheres sentadas em uma mesa de restaurante ocupando uma vaga de carro. Foto de Herman Hertzberger. Fonte: Hertzberger, 1996, p.9.

FIG.3: Skatista Keone Schaufert pulando corrimão do estacionamento de um supermercado. Foto de Ricardo Cadaval, 2020.

FIG.4: Skatista Luca Narracci filmando sessão de skate no Vale do Anhangabaú. Foto de Ricardo Cadaval, 2019.

FIG.5: Skatista Murilo Romão realizando manobra no Theatro Municipal de São Paulo. Foto de Ricardo Cadaval, 2023.

FIG.6: Skatista Luca Narracci realizando manobra na praça Roosevelt. Foto de Felipe Campos. Fonte: Acervo pessoal do autor. 2021.

FIG.7: Passeata em São Paulo contra a proibição do skate na cidade em 1988. Foto de Alexandre Tokitaka, 23 jun. 1988. Fonte: Erundina, L. Skate: da proibição autoritária às medalhas olímpicas. **Folha de S.Paulo**, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2024/08/skate-da-proibicao-autoritaria-as-medalhas-olimpicas.shtml>.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 1986.
- BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte:** uma história do skate no Brasil. Blumenau: Edifurb, 2014.
- BRANDÃO, Leonardo. **Skate nas Olimpíadas.** Centro de Pesquisa e Formação Sesc SP, São Paulo, 16 jan. 2020. (Comunicação oral)
- FINKELPEAR, Tom. **Dialogues in Public Art.** Boston: MIT Press, 2000.

HOWELL, Ocean. **The Poetics of Security:** skateboarding, urban design, and the new public space. 2001. Disponível em: https://urbanpolicy.net/wp-content/uploads/2013/02/Howell_2001_Poetics-of-Security_NoPix.pdf.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura.** Trad. Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades.** Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KUNSCH, Graziela. Prática Urbana. **Revista Urbânia** 3, São Paulo, 2008.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De "carrinho" pela cidade:** a prática do street skate em São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RAGO, Margareth. **Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias.** São Paulo: Editora Escola da Cidade, 2016.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. **Espaços Skatáveis:** orientação para a adequação de espaços públicos abertos à prática de esportes urbanos. São Paulo, 2014.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Kalil Cadaval é arquiteto e urbanista formado pela Escola da Cidade (2023) e estudante do curso de pós-graduação *lato sensu* "Geografia, Cidade e Arquitetura" pela mesma instituição.

ricardokalil13@gmail.com

ENSAIO

Processo e método: relato em primeira pessoa

Maria Piedade

Orientação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti (Escola da Cidade)

Pesquisa: Pesquisa Experimental, bolsa do Programa de Pesquisa da Escola da Cidade, 2023.

Este ensaio revela o processo da pesquisa experimental cuja temática foi centralizada na possibilidade de criar, a partir de narrativas transvestigêneres, um imaginário que evidencia novos significantes sobre a paisagem do centro de São Paulo. Baseado em biografias individuais, busquei explorar de maneiras distintas as noções de cidade, corpo e memória, afetadas por experiências complexas e potencializadoras da prática urbana como consciência da cidade como território (Deleuze; Guattari, 1995) não apenas de disputa, mas também de construção integral de um ambiente associado a questões subjetivas e dinâmicas

que lidam, simultaneamente, com espaço e narrativa. Essa reflexão manifesta os desafios teórico-metodológicos que circundam o enfrentamento de subjetividades implicadas em ideologias e práticas que se alicerçam em mecanismos de gênero, violência, recusa, afetividade e sofrimento. Não obstante, pode-se observar interna à estrutura de um relato analítico a própria experiência que colocou a pesquisadora como narradora principal, a partir do interesse de uma crítica ao processo de trabalho pela abordagem da Micro-história (Vainfas, 2002) como instrumento analítico aplicável ao estudo histórico da realidade aproximada.

Process and method: a personal report

This essay reveals the experimental research process centered on the possibility of creating, by employing transvestigender narratives, an imaginary that highlights new meanings about the landscape of downtown São Paulo. Based on individual biographies, I sought to explore in different ways the notions of city, body, and memory, being affected by complex and empowering experiences of urban practice as awareness of the city as territory (Deleuze; Guattari, 1995), not just of dispute, but also of the integral construction of an environment associated with subjective and dynamic issues that deal, simultaneously, with space and narrative. This reflection encompasses the theoretical-methodological challenges that arise in confronting subjectivities entangled with ideologies and practices rooted in mechanisms of gender, violence, refusal, affectivity, and suffering. However, within the structure of this analytical account, we can observe the experience that positioned me as both researcher and main narrator, guided by an interest in criticizing the work process through the approach of Micro-history (Vainfas, 2002) as an analytical tool applicable to the historical study of proximate realities.

Proceso y método: cuenta en primera persona

Este ensayo revela el proceso de investigación experimental cuya temática se centró en la posibilidad de crear, a partir de narrativas travestigéneres, un imaginario que resalte nuevos significados sobre el paisaje del centro de São Paulo. Basado en biografías individuales, busqué explorar de diferentes maneras las nociones de ciudad, cuerpo y memoria, siendo afectados por experiencias complejas y empoderadoras de la práctica urbana como conciencia de la ciudad como territorio (Deleuze; Guattari, 1997), no sólo como lugar de disputa, pero también de la construcción integral de un entorno asociado a cuestiones subjetivas y dinámicas que manejan, simultáneamente, el espacio y la narrativa. Esta reflexión manifiesta los desafíos teórico-metodológicos que rodean el enfrentamiento de subjetividades implicadas en ideologías y prácticas que se basan en mecanismos de género, violencia, rechazo, afectividad y sufrimiento. Sin embargo, dentro de la estructura de un informe analítico se puede observar la propia experiencia que situó a la investigadora como narradora principal, a partir del interés en proceso de trabajo a través del enfoque de la Microhistoria (Vainfas, 2002) como instrumento analítico aplicable al estudio histórico de la realidad aproximada.